

A SAÚDE DO EMPREENDEDOR NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS DADOS DO SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE AGRAVOS DE NOTIFICAÇÃO (SINAN)

Recebido: 18/08/2020

Aprovado: 25/12/2020

¹ Rodrigo Barbosa
² Cândido Borges

Resumo

Objetivo: Analisar os principais danos relacionados ao trabalho sofridos por empreendedores no Brasil, além do perfil sociodemográfico das vítimas.

Método: Foram utilizados os dados disponíveis no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde. Através desta base, comparou-se os dados dos empreendedores que sofreram algum dano relacionado ao trabalho com os dos outros trabalhadores, e os dados da primeira base do Sinan (2006) com os da última base disponível (2018).

Originalidade/Relevância: A saúde do empreendedor pode ter sérios impactos no negócio, por isso, o interesse sobre esta temática tem crescido na literatura internacional. Entretanto, ainda pouco se sabe sobre a saúde do empreendedor no Brasil.

Resultados: Constatou-se que os casos de danos relacionados ao trabalho, sofridos por empreendedores no Brasil, aumentaram mais do que os sofridos por outros trabalhadores de 2006 a 2018. Os tipos de dano mais comuns entre empreendedores é o acidente de trabalho grave, seguido por intoxicação exógena. A maior parte dos casos são com homens, com idade média de 40 anos, com um ano ou menos no trabalho e ensino médio completo.

Contribuições teóricas/metodológicas: Os dados sobre danos analisados indicam que existem algumas diferenças sociodemográficas entre empreendedores e outros trabalhadores vítimas de danos relacionados ao trabalho e também entre os principais danos sofridos entre essas duas classes.

Contribuições sociais / para a gestão: Este trabalho é útil para empreendedores, ao apontar os principais danos que podem afetá-los, interferindo em sua saúde e bem-estar, bem como no desempenho de seu negócio.

Palavras-chave: Saúde do Empreendedor. Bem-estar. Sinan. Agravos Relacionados ao Trabalho.

Como Citar:

Barbosa, R., & Borges, C. (2021). A Saúde do Empreendedor no Brasil: Uma Análise dos Dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies [FSRJ]*, 13(1), 28-41. doi:<https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2021.v13i1.532>

¹ Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiás, (Brasil). E-mail: rodrigo_morency@yahoo.com.br Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-6127-5057>

² Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiás, (Brasil). E-mail: candidoborges@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-3362-4074>

THE ENTREPRENEUR'S HEALTH IN BRAZIL: AN DATA ANALYSIS OF THE HARM NOTIFICATION SYSTEM (SINAN)

Abstract

Purpose – To analyze the main work-related injuries suffered by entrepreneurs in Brazil, in addition to the socio-demographic profile of the victims.

Design/methodology/approach – In order to achieve the research objective, the data available in the Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), from the Ministry of Health, were used. Through this database, the data of entrepreneurs who suffered some work-related injury were compared with that of other workers. Also, the data from the first Sinan database (2006) were compared with that of the last database available at the time this article was written (2018).

Findings – Work-related injuries suffered by entrepreneurs in Brazil have increased more than those of other workers from 2006 to 2018. Another relevant fact is that the most common type of injury among entrepreneurs is serious work-related accidents, followed by exogenous intoxication. Most cases are with men, with an average age of 40 years old, with one year or less of work experience and complete high school.

Research, Practical & Social implications –The data analyzed indicate that there are some sociodemographic differences between entrepreneurs and other workers who are victims of work-related injuries and also between the main injuries suffered between these two classes. This work is also useful for entrepreneurs by pointing out the main injuries that can affect them, interfering with their health and well-being, as well as with the performance of their business.

Originality/value – The health of the entrepreneur can have serious impacts on his or her business. That is one of the reasons why the interest in this topic has grown in international literature. However, little is known about the health of the entrepreneur in Brazil.

Keywords - Entrepreneur's Health. Welfare. Sinan. Work-related injuries.

1 INTRODUÇÃO

Paulo não estava bem. Como de costume, ele foi para a escola de idiomas que ele possuía no interior do estado de Goiás, depois de mais uma noite mal dormida e preocupado com as muitas atividades que teriam que ser realizadas naquele dia. Porém, algo estava errado. Concentrado nos números de retenção, inadimplência e matrículas, Paulo tentava ignorar aquele mal-estar. Mas, depois do almoço, no qual ele mal foi capaz de comer, uma forte dor no braço esquerdo começou a se espalhar em direção ao peito. Ofegante, ele chama um amigo para levá-lo ao hospital. Depois de medicado e examinado, Paulo recebe uma boa notícia: desta vez foi apenas um susto. Mas não há tempo para comemorar e nem para se recuperar do susto, o trabalho ainda precisa ser feito.

Infelizmente, o caso do Paulo não é um fato isolado. Em uma pesquisa com 326 empreendedores, membros da Business Networking International (BNI), pesquisadores encontraram que 28% dos respondentes experimentavam um nível moderado ou forte de burnout (De Mol, Ho & Pollack, 2018). O burnout é uma síndrome que resulta do estresse crônico no trabalho e que traz diversas consequências negativas para a saúde (Salvagioni et al., 2017).

Porém, ainda pouco se sabe sobre o estado de saúde dos empreendedores. Apesar da saúde do trabalhador já ser tema de pesquisa, pelo menos, desde a década de 1930 (Zanko & Dawson, 2012; Martel & Dupuis, 2006), estudos sobre a saúde do empreendedor têm recebido maior atenção apenas recentemente. Uma das principais revistas científicas da área, a *Journal of Business Venturing*, publicou uma edição especial no ano de 2019 com o tema de Empreendedorismo e Bem-estar, termo relacionado à saúde psicológica do indivíduo.

Pelo menos duas razões podem ser apontadas para a maior atenção dada à saúde e ao bem-estar dos empreendedores recentemente: 1) o estímulo oferecido por propostas governamentais para o empreendedorismo como forma de criar novos empregos e de possibilitar o crescimento econômico sustentável (Gevaert, De Moortel, Wilkens & Vanroelen, 2018); e 2) os obstáculos e desafios oferecidos pela ação de empreender, os quais podem gerar altos níveis de estresse (Reid, Patel & Wolfe, 2018), podendo interferir na saúde da pessoa. Pesquisar sobre a saúde do empreendedor também auxilia no entendimento de antecedentes e consequências da ação de empreender (Shepherd & Patzelt, 2015).

Apesar do crescente interesse no tema da saúde dos empreendedores, os autores Shepherd e Patzelt (2015) pontuam que essa temática ainda é ignorada por boa parte dos pesquisadores em empreendedorismo e há muitas oportunidades de se expandir substancialmente a pesquisa na área. E ao analisar a pesquisa nacional sobre saúde do empreendedor, percebe-se uma lacuna ainda maior. Ao buscar pelas palavras

“empreendedor” e “saúde”, no título e no resumo, na base Spell (base da área Administração Pública e de Empresas, Contabilidade e Turismo com mais de 48 mil documentos), apenas 4 artigos foram encontrados, nenhum tratando sobre a saúde do empreendedor. A mesma pesquisa foi repetida na SciELO, que é uma biblioteca eletrônica de periódicos científicos brasileiros, com apenas 9 artigos encontrados e, mais uma vez, nenhum sobre a saúde do empreendedor.

Logo, este artigo tem como objetivo contribuir para a discussão sobre a saúde do empreendedor brasileiro, ao analisar os principais agravos que afetam esta classe, além do perfil dos empreendedores afetados. Para isto, foram utilizados os dados disponíveis no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde. Também comparou-se os dados dos empreendedores com os dos outros trabalhadores e os dados da primeira base do Sinan (2006) com os da última base (2018) disponível no momento em que este artigo foi escrito.

Este trabalho poderá ser útil para os empreendedores, ao apontar os principais agravos que podem afetá-los, interferindo em sua saúde e bem-estar, bem como no desempenho de seu negócio (Shepherd & Patzelt, 2015). Também poderá ser útil na pesquisa sobre a saúde do empreendedor no Brasil, atraindo a atenção de outros pesquisadores para esta temática que está em crescimento fora do país.

2 Referencial Teórico

2.1 SAÚDE DO EMPREENDEDOR

Estudos buscando entender os impactos do empreendedorismo na economia e na geração de empregos apontaram que o empreendedorismo é um elemento muito importante para o funcionamento da economia (Van Praag & Versloot, 2008). Entretanto, o efeito de empreender na saúde física e mental do empreendedor é uma questão relativamente menos explorada (Shepherd & Patzelt, 2015).

A ação de empreender gera uma combinação peculiar de fatores, e esta combinação pode afetar a saúde física e mental de uma forma diferenciada. Períodos longos de trabalho, pressão para atender prazos, estresse, diminuição na socialização (Nikolova, 2019), além de média de ganhos menor do que a de empregados (Van Praag & Versloot, 2008) são algumas das características do trabalho do empreendedor com potencial para prejudicar a saúde dele. Além dos itens citados anteriormente, as rápidas mudanças de cenário, a sobrecarga de trabalho, o ambiente imprevisível e a responsabilidade que o empreendedor possui pelos funcionários, familiares e outros (De Mol et al., 2018) também podem resultar em problemas como insônia e dificuldade para dormir (Kollmann, Stöckmann & Kensbock, 2018), além da falta de energia para trabalhar e o sentimento de completa exaustão (Lepine, LePine & Jackson, 2004).

Entretanto, apesar de todos estes fatores, estudos apontam que empreendedores apresentam um alto grau de felicidade no trabalho e satisfação com a vida (Benz & Frey, 2004; Stephan & Roesler, 2010) e melhores níveis de bem-estar (Nikolaev, Boudreaux & Wood, 2019), que está relacionado com a saúde psicológica do indivíduo. Pesquisas também demonstram que indivíduos no final da carreira que começam um negócio tem uma melhora na qualidade de vida (Kautonen, Kibler & Minniti, 2017). Além disso, os empreendedores podem possuir maior autonomia e flexibilidade que geram benefícios psicológicos e facilitam a prática de atividades relacionadas com o cuidado com a saúde, como se exercitar e ir ao médico (Nikolova, 2019).

As condições de trabalho citadas acima afetam não só o empreendedor, mas as pessoas ao redor dele. Shepherd e Patzelt (2015) sugerem que futuras pesquisas explorem seis relações entre a ação de empreender, a saúde do empreendedor e a saúde das pessoas relacionadas ao empreendedor, conforme a estrutura triádica da Figura 1.

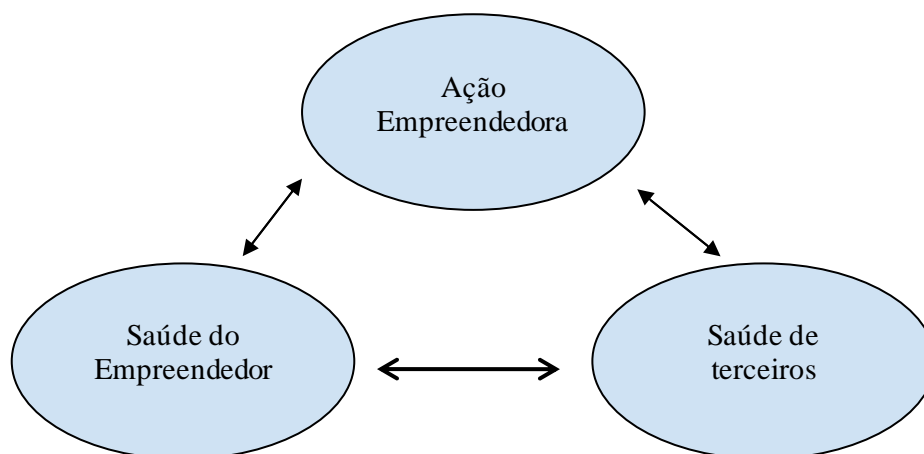


Figura 1 - Estrutura Triádica das relações entre a ação de empreender, a saúde do empreendedor e a saúde de terceiros.

Fonte: Adaptado de Shepherd e Patzelt (2015).

As relações apresentadas na Figura 1 são: os efeitos da ação de empreender na saúde do empreendedor; os efeitos da ação de empreender na saúde de terceiros; os efeitos da saúde do empreendedor na saúde de terceiros. Todas essas relações são bidirecionais, logo, as relações inversas também acontecem.

Para os autores, existem relações que foram mais trabalhadas na literatura do que outras, como a ação de empreender na saúde do empreendedor. Mas ao analisar a literatura nacional, nota-se um grande potencial para pesquisas nas seis relações. Na verdade, ainda não sabemos informações básicas sobre a saúde dos empreendedores brasileiros, como quais são os principais tipos de agravos que os afetam, quais as regiões onde mais ocorrem estes agravos e qual o perfil dos empreendedores que são mais atingidos por esses agravos.

3 Método

3.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Para a consecução dos objetivos expostos anteriormente, optou-se pela realização de uma pesquisa que, quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa quantitativa com a utilização de dados secundários (Castro, Kellison, Boyd & Kopak, 2010). A pesquisa também se caracteriza como descritiva-exploratória, pois busca descrever e proporcionar maior familiaridade com os dados (Gerhardt & Silveira, 2009), no caso, os principais agravos enfrentados pelos empreendedores e o perfil dos empreendedores que enfrentam estes agravos.

3.2 A BASE

A base de dados utilizada nesta pesquisa é a do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). O Sinan é mantido pelo Ministério da Saúde e é alimentado, principalmente, pelas notificações feitas por estabelecimentos de saúde públicos e particulares de casos de doenças e agravos que constam na lista nacional de doenças de notificação compulsória (Sinan, 2019). Logo, o registro dos dados presentes no sistema é compulsório. Os dados do Sinan que estavam disponíveis até a data da presente pesquisa eram do período de 2006 a 2018.

A sua utilização efetiva permite a realização do diagnóstico dinâmico de um evento na população, fornecendo subsídios para explicações causais dos agravos notificados, além de vir a indicar riscos aos quais as pessoas estão sujeitas, contribuindo para a identificação da realidade epidemiológica de determinada área (Sinan, 2019). É, portanto, um instrumento relevante para auxiliar no planejamento da saúde, definir prioridades de intervenção e avaliar o impacto das intervenções (Sinan, 2019).

O Sinan disponibiliza dados sobre 9 agravos relacionados ao trabalho: acidente de trabalho grave, câncer relacionado ao trabalho, dermatoses ocupacionais, exposição a material biológico, lesões por esforços repetitivos, distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORT), perda auditiva induzida por ruído (PAIR), pneumoconiose e transtorno mental.

Para esta pesquisa, foi utilizado a variável SIT_TRAB, que é a situação de trabalho do indivíduo que sofreu o agravo, como indicador se o indivíduo é empreendedor. Esta variável possui duas opções que são de interesse para a pesquisa, "autônomo/conta própria" e "empregador". Estas duas classificações estão entre aquelas utilizadas na literatura para identificar empreendedores (Gindling & Newhouse, 2014). Para fins de comparação com os empreendedores, foi criada uma outra denominação chamada de "outros trabalhadores". Para esta pesquisa, outros trabalhadores inclui empregado registrado com carteira assinada, empregado não registrado, servidor público estatutário,

servidor público celetista, trabalho temporário, cooperativado e trabalhador avulso. Foram excluídos de outros trabalhadores autônomo/conta própria e empregador (que foram considerados como empreendedores para esta pesquisa), aposentado, desempregado, outros, ignorado e em branco.

3.3 A ANÁLISE

Através da base do Sinan de 2018, buscou-se entender as características dos empreendedores que sofrem de agravos relacionados ao trabalho. Para isto, foram utilizadas estatísticas descritivas para se entender quais eram os agravos mais comuns e qual era o perfil dos empreendedores que sofriam com estes agravos.

Também foi feita uma comparação entre o perfil do empreendedor com o perfil de outros trabalhadores listados na base do Sinan. Por último, comparou-se os dados de 2006, primeira base disponível do Sinan, com os de 2018, última base disponível no período em que este artigo estava sendo escrito.

4 Resultados e Discussão

Em 2018, foram registrados no Sinan 332.434 casos de agravos relacionados ao trabalho. Destes, 29.906 (9%) eram de autônomos/conta própria, 635 (0,19%) empregadores e 133.572 (40,18%) de outros trabalhadores. Dos casos que não foram levados em consideração nesta pesquisa, o mais frequente foi o que colocou a situação de trabalho como "ignorado", com 66.675 casos, 20,06% do total.

A primeira análise feita foi a de qual tipo de agravo relacionado ao trabalho é mais comum entre os empreendedores (Tabela 1). O resultado encontrado é que o agravo mais comum no ano de 2018 foi o de acidente de trabalho grave, representando 55,87% dos casos do autônomo/conta própria e 50,55% dos casos do empregador. O segundo agravo mais comum foi intoxicação exógena, com 31,77% dos casos entre os autônomos/conta própria e 34,96% dos empregadores.

Tabela 1 - Frequência dos agravos dividida por situação de trabalho.

	Autônomo/conta própria	Empregador	Outros trabalhadores
Acidente Biológico	8,88%	13,39%	34,07%
Acidente de Trabalho Grave	55,87%	50,55%	43,60%
Câncer Relacionado ao Trabalho	0,33%	0,16%	0,02%
Dermatoses Ocupacionais	0,00%	0,00%	0,00%
Intoxicação Exógena	31,77%	34,96%	16,51%
LER/DORT	2,75%	0,47%	4,29%
Transtornos Mentais	0,07%	0,16%	1,03%
PAIR	0,20%	0,16%	0,22%
Pneumoconioses	0,14%	0,16%	0,24%
Total	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Sinan, 2018

Como acidente de trabalho grave, o Sinan considera aquele que ocorre pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que tem como consequência a perda, ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho, ou até a morte (Sinan, 2019). Já a intoxicação exógena está relacionada com a exposição a contaminantes químicos (Sinan, 2019).

Os outros trabalhadores listados no Sinan também tiveram como principal agravo o acidente de trabalho grave, representando 43,6% dos casos, entretanto, o segundo agravo mais comum entre estes trabalhadores foi o acidente biológico, com 34,07% dos casos.

Acidentes de trabalho grave são um problema não só para vítima e a sua família, mas também para economia devido aos custos previdenciários, dias de trabalho perdidos que ocasionam e a produção, que é prejudicada (Santana, Araújo-Filho, Albuquerque-Oliveira & Barbosa-Branco, 2006).

Com relação ao setor de atuação, 13,22% dos autônomos/conta própria atuavam na construção civil e 10,29% na agropecuária em geral. Os acidentes na construção civil ainda são muito comuns pois, muitas vezes o trabalhador exerce atividade sem os equipamentos de proteção individual ou coletiva, ou ainda a empresa empregadora não oferta esses equipamentos – obrigatórios por lei – e os trabalhadores, por necessidade financeira, aceitam trabalhar sem eles e correr o risco de um agravo ocupacional (Scussiato, Sarquis, Kirchhof & Kalinke, 2013)

A maior parte dos empregadores, 17,17%, não informou a área de atuação, entretanto, as duas principais informadas são bem diferentes das informadas pelos autônomos/conta própria: varejo e administração, com 9,76% e 3,78% dos casos, respectivamente.

As principais ocupações dos outros trabalhadores que sofreram agravo eram atividades relacionadas à área da saúde, área diferente das principais ocupações dos empreendedores. Dos outros trabalhadores 16,85% eram técnicos de enfermagem e 6,09% enfermeiros.

Outro resultado interessante é que a maior parte dos agravos aconteceram com pessoas com um ano ou menos de trabalho, ou seja, com trabalhadores inexperientes (Tabela 2). Esse resultado foi encontrado com empreendedores - 38,18% dos autônomos/conta própria e 38,21% dos empregadores tinham um ano ou menos no trabalho - e não empreendedores - 34,28% tinham até um ano no trabalho. Como o principal agravo em 2018 foi acidente de trabalho grave, é natural encontrar que pessoas inexperientes sofram mais acidentes do que pessoas acostumadas com aquele tipo de atividade.

Tabela 2 - Tempo de experiência da pessoa no trabalho.

	Autônomo/conta própria	Empregador	Outros trabalhadores
Até 1 ano	38,18%	38,21%	34,28%
De 2 a 5 anos	24,87%	26,77%	32,71%
De 6 a 10 anos	14,34%	13,54%	18,11%
Mais de 10 anos	22,61%	21,48%	14,90%
Total	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Sinan, 2018

Com relação as características pessoais dos empreendedores que sofreram agravo: 76% dos trabalhadores autônomos/conta própria e 73,23% dos empregadores são homens; com idade média de 40 anos para ambas as situações de trabalho; a maior parte possui ensino médio completo, 19,71% dos autônomos/conta própria e 26,80% dos empregadores (Tabela 3); e com relação a raça, 45,57% dos trabalhadores autônomos/conta própria e 59,53% dos empregadores se identificam como brancos.

Tabela 3 - Escolaridade

	Autônomo/conta própria	Empregador	Outros trabalhadores
1ª a 4ª série incompleta do EF	5,87%	1,34%	3,46%
4ª série completa do EF (antigo 1º grau)	2,03%	4,19%	2,33%
5ª à 8ª série incompleta do EF (antigo ginásio ou 1º grau)	10,09%	4,19%	7,87%
Ensino fundamental completo (antigo ginásio ou 1º grau)	8,85%	6,70%	6,07%
Ensino médio incompleto (antigo colegial ou 2º grau)	9,17%	8,71%	7,84%
Ensino médio completo (antigo colegial ou 2º grau)	19,71%	26,80%	37,59%
Educação superior incompleta	8,37%	14,57%	4,57%
Educação superior completa	17,03%	9,72%	12,46%
Ignorado	17,99%	21,61%	16,89%
Não se aplica	0,88%	2,18%	0,91%
Total	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Sinan, 2018

Os outros trabalhadores apresentaram uma relação entre homens e mulheres mais equilibrada, 49,68% são mulheres e 50,32% são homens. A idade média deles também é menor, 36 anos. A escolaridade mais frequente é a mesma dos empreendedores, porém, com uma proporção maior, 37,59% possui ensino médio completo. A raça mais frequente também é a mesma dos empreendedores, com 47,69% dos trabalhadores se identificaram como brancos.

Tabela 4 - Agravos por estado

	Autônomo/conta própria	Empregador	Outros trabalhadores
Rondônia/RO	2,20%	1,10%	1,02%
Acre/AC	0,96%	0,79%	0,41%
Amazonas/AM	1,32%	0,16%	0,99%
Roraima/RR	0,51%	0,00%	0,38%
Pará/PA	0,80%	0,47%	1,02%
Amapá/AP	0,62%	0,00%	0,24%
Tocantins/TO	2,49%	0,94%	1,27%
Maranhão/MA	2,17%	2,52%	1,74%
Piauí/PI	1,41%	0,16%	0,79%
Ceará/CE	3,03%	2,20%	2,62%
Rio Grande do Norte/RN	0,55%	1,10%	0,90%
Paraíba/PB	2,42%	2,05%	1,09%
Pernambuco/PE	4,52%	2,83%	2,80%
Alagoas/AL	1,12%	0,63%	0,98%
Sergipe/SE	0,49%	0,16%	0,40%
Bahia/BA	4,03%	1,73%	3,85%
Minas Gerais/MG	13,96%	11,02%	12,60%
Espírito Santo/ES	1,71%	3,78%	1,65%
Rio de Janeiro/RJ	2,15%	3,46%	3,55%
São Paulo/SP	17,96%	20,94%	31,68%
Paraná/PR	10,87%	12,13%	8,74%
Santa Catarina/SC	6,72%	9,13%	4,74%
Rio Grande do Sul/RS	5,75%	10,87%	6,13%
Mato Grosso do Sul/MS	2,40%	2,36%	2,82%
Mato Grosso/MT	2,06%	2,83%	1,97%
Goiás/GO	6,59%	5,04%	4,61%
Distrito Federal/DF	1,18%	1,57%	1,02%
Total	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Sinan, 2018

Sobre o gênero mais frequente das vítimas de agravos relacionados ao trabalho, tanto pesquisas nacionais quanto internacionais já apontaram que homens tem uma maior prevalência nos acidentes de trabalho (Santana et al., 2009; Miranda, Sarquis, de Almeida Cruz, Kirchhof & Scussiato, 2012; Li, Liu, Choi, Lu & Yu, 2012; Frickmann et al., 2012).

O estado da federação onde ocorreram a maior parte dos agravos foi São Paulo, com 17,96% dos casos entre os autônomos/conta própria, 20,94% dos empregadores e 31,68% dos outros trabalhadores (Tabela 4). Este resultado era esperado por São Paulo ser o estado mais populoso do país.

Analisando os estados que tiveram o maior percentual de agravos entre empreendedores, temos Amapá, com 36,58% dos agravos registrados nesse estado ocorrendo com empreendedores, Acre, com 34,68% e Paraíba, com 33,65%. Os três estados possuem um dos dez menores produtos internos brutos do país (IBGE, 2019).

Uma segunda análise feita foi entre os dados de 2006, primeira base de dados do Sinan, e a de 2018, última base de dados disponível. O primeiro dado que chama atenção é a evolução da quantidade de casos. Em 2006, eram 2.534 casos de agravos relacionados

ao trabalho, sendo 119 (4,70%) de autônomos/conta própria, 3 (0,12%) de empregadores e 1.885 (74,39%) de outros trabalhadores. Apesar do aumento do número total de casos ser muito significativo, aproximadamente 131 vezes, o aumento do número de agravos de trabalhadores autônomos/conta própria e empregadores foi ainda maior, 251 vezes e 211 vezes, respectivamente, aumentando a proporção dos empreendedores nos agravos relacionados ao trabalho

O tipo de agravo mais comum em 2006 é o mesmo de 2018, acidente de trabalho grave. A área de atuação mais comum entre os autônomos/conta própria também foi a mesma, construção civil, enquanto a dos outros trabalhadores também era a área de saúde. Apenas 3 empregadores informaram a ocupação em 2006, sendo elas instalador-reparador de equipamentos de comutação em telefonia, serralheiro e comerciante varejista. Esta última ocupação também foi a principal ocupação dos empregadores que sofreram agravo em 2018.

A maior parte dos agravos de 2006 também ocorreram com pessoas que estavam realizando aquele trabalho a um ano ou menos, igual a 2018. Logo, a falta de experiência entre os trabalhadores que sofreram algum tipo de agravo foi uma constante no Sinan, mesmo após mais de uma década. Além disso, os empreendedores que sofreram agravos em 2006 também eram em sua maioria homens, 81,51% dos autônomos/conta própria e 66,67% dos empregadores. Os outros trabalhadores tinham uma proporção maior de homens em 2006 do que em 2018, 61,33%. A idade média também era menor em 2006: 36 anos para os autônomos/conta própria, 34 para os empregadores e 29 para os outros trabalhadores.

A escolaridade mais frequente em 2006 era diferente do que em 2018 apenas para os autônomos/conta própria, 20,17% tinham ensino fundamental incompleto. Ensino médio completo foi o mais comum para os empregadores e para os outros trabalhadores, com 66,67% e 21,38%, respectivamente. A raça mais frequente, branca, e o estado com o maior número de ocorrências de agravos em 2006, São Paulo, foram os mesmos de 2018.

5 Conclusão

Apesar de ser um tema de interesse crescente na academia, ainda pouco se sabe sobre a saúde do empreendedor no Brasil. Este trabalho teve como objetivo analisar os agravos mais frequentes entre os empreendedores, através da base de dados do Sinan, mantida pelo Ministério da Saúde.

Ao analisar a base de 2018, última base disponível, notou-se que os empreendedores que aparecem na base tiveram como agravo mais comum o acidente grave de trabalho, sendo a maior parte deles pedreiros (autônomos/conta própria) e comerciantes varejistas (empregadores), não tinham muita experiência no trabalho (um ano ou menos no

trabalho), eram homens, com idade média de 40 anos, brancos e o agravo ocorreu, em sua maioria, no estado de São Paulo.

Constatou-se que houve um grande crescimento do número de agravos entre 2006, primeira base de dados disponível, e 2018, e o aumento foi ainda maior entre os empreendedores. Também constatou-se que não há grandes diferenças nos perfis dos empreendedores e não empreendedores em 2006 e 2018.

Como esta pesquisa teve apenas um caráter exploratório, sugere-se que futuras pesquisas busquem entender o porquê dos dados encontrados, (por que o aumento dos agravos entre os empreendedores foi maior do que o aumento geral?) e o que pode ser feito para reduzir a quantidade de agravos entre empreendedores e os impactos que estes agravos podem acarretar para a o empreendedor e sua família. Também seria interessante comparar a realidade nacional com os dados de outros países.

6 Referências

Benz, M. & Frey, B. S. (2004). Being independent raises happiness at work. *Swedish economic policy review*, 11(2), 95-134.

Castro, F. G., Kellison, J. G., Boyd, S. J. & Kopak, A. (2010). A methodology for conducting integrative mixed methods research and data analyses. *Journal of mixed methods research*, 4(4), 342-360.

De Mol, E., Ho, V. T. & Pollack, J. M. (2018). Predicting entrepreneurial burnout in a moderated mediated model of job fit. *Journal of Small Business Management*, 56(3), 392-411.

Frickmann, F., Wurm, B., Jeger, V., Lehmann, B., Zimmermann, H. & Exadaktylos, A. K. (2012). 782 consecutive construction work accidents: who is at risk? A 10-year analysis from a Swiss university hospital trauma unit. *Swiss medical weekly*, 142, w13674.

Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre : Editora UFRGS.

Gevaert, J., De Moortel, D., Wilkens, M. & Vanroelen, C. (2018). What's up with the self-employed? A cross-national perspective on the self-employed's work-related mental well-being. *SSM-population health*, 4, 317-326.

Gindling, T. H. & Newhouse, D. (2012). *Self-employment in the developing world*. Washington, DC: World Bank.

IBGE (2019). *Sistema de contas regionais - Brasil - 2017*. Recuperado em 15 de novembro de 2019, de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9054-contas-regionais-do-brasil.html?=&t=publicacoes>.

Kautonen, T., Kibler, E. & Minniti, M. (2017). Late-career entrepreneurship, income and quality of life. *Journal of Business Venturing*, 32(3), 318-333.

Kollmann, T., Stöckmann, C. & Kensbock, J. M. (2019). I can't get no sleep—The differential impact of entrepreneurial stressors on work-home interference and insomnia among experienced versus novice entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 34(4), 692-708.

LePine, J. A., LePine, M. A. & Jackson, C. L. (2004). Challenge and hindrance stress: relationships with exhaustion, motivation to learn, and learning performance. *Journal of applied psychology*, 89(5), 883.

Li, L., Liu, X., Choi, B. C., Lu, Y. & Yu, M. (2012). A descriptive epidemiological study on the patterns of occupational injuries in a coastal area and a mountain area in Southern China. *BMJ open*, 2(3).

Martel, J. P. & Dupuis, G. (2006). Quality of work life: Theoretical and methodological problems, and presentation of a new model and measuring instrument. *Social indicators research*, 77(2), 333-368.

Miranda, F. M. D. A., Sarquis, L. M. M., de Almeida Cruz, E. D., Kirchof, A. L. C. & Scussiato, L. A. (2012). Caracterização das vítimas e dos acidentes de trabalho fatais. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(2), 45-51.

Nikolaev, B., Boudreaux, C. J. & Wood, M. (2020). Entrepreneurship and subjective well-being: The mediating role of psychological functioning. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 44(3), 557-586.

Nikolova, M. (2019). Switching to self-employment can be good for your health. *Journal of Business Venturing*, 34(4), 664-691.

Reid, S. W., Patel, P. C. & Wolfe, M. T. (2018). The struggle is real: self-employment and short-term psychological distress. *Journal of Business Venturing Insights*, 9, 128-136.

Salvagioni, D. A. J., Melanda, F. N., Mesas, A. E., González, A. D., Gabani, F. L. & Andrade, S. M. D. (2017). Physical, psychological and occupational consequences of job burnout: A systematic review of prospective studies. *PloS one*, 12(10), e0185781.

Santana, V. S., Araújo-Filho, J. B., Albuquerque-Oliveira, P. R. & Barbosa-Branco, A. (2006). Acidentes de trabalho: custos previdenciários e dias de trabalho perdidos. *Revista de saúde pública*, 40(6), 1004-1012.

Santana, V. S., Xavier, C., Moura, M. C. P., Oliveira, R., Espírito-Santo, J. S. & Araújo, G. (2009). Gravidade dos acidentes de trabalho atendidos em serviços de emergência. *Revista de Saúde Pública*, 43, 750-760.

Scussiato, L. A., Sarquis, L. M. M., Kirchof, A. L. C. & Kalinke, L. P. (2013). Perfil epidemiológico dos acidentes de trabalho graves no Estado do Paraná, Brasil, 2007 a 2010. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 22(4), 621-630.

Shepherd, D. A. & Patzelt, H. (2015). The “heart” of entrepreneurship: The impact of entrepreneurial action on health and health on entrepreneurial action. *Journal of Business Venturing Insights*, 4, 22-29.

Sinan (2020). *O Sinan*. Recuperado em 12 de agosto de 2020, de <https://portalsinan.saude.gov.br>.

Stephan, U. & Roesler, U. (2010). Health of entrepreneurs versus employees in a national representative sample. *Journal of occupational and organizational psychology*, 83(3), 717-738.

Van Praag, C. M. & Versloot, P. H. (2007). The economic benefits and costs of entrepreneurship: A review of the research (Vol. 15). Boston : Now Publishers Inc.

Zanko, M. & Dawson, P. (2012). *Occupational health and safety management in organizations: A review*. *International Journal of Management Reviews*, 14(3), 328-344.